

Cinco mil pessoas necessitam de apoio urgente em alimentos

Mais de cinco mil pessoas, entre deslocados de guerra e repatriados dos países vizinhos, nomeadamente Zimbabwe, África do Sul e Malawi vivem actualmente nas aldeias de Nhambamba-1-2 e 3, situadas a cerca de 20 quilómetros da sede do distrito de Sussundenga, em Manica, necessitando de ajuda urgente em alimentos e instrumentos de produção.

Segundo uma fonte do Núcleo de Apoio aos Refugiados e Movimentos de Libertação naquele ponto do país, o apoio em alimentos torna-se necessário e urgente para salvar as vidas daquelas populações, que não conseguiram produzir para a sua subsistência, devido às constantes movimentações ocasionadas pela guerra.

«Muito embora se dê alguma coisa a estas pessoas, não se pode dizer que o apoio é suficiente, pois também estamos limitados, daí que é necessário uma ajuda em alimentos. Os deslocados que cá chegaram há um bom tempo, apesar de cada família possuir um hectare de terra lavrado pelo Núcleo de Apoio aos Refugiados, ainda necessitam de comida. As machambas não tiraram nada por causa da seca» — disse a fonte do NARML.

A fonte revelou que os deslocados e repatriados naquelas aldeias beneficiam do apoio em milho, ervilha, óleo e de outros géneros, doados pelo DPCCN em Manica.

Segundo a mesma fonte, muito embora o apoio seja canalizado àquelas populações, há gente, em Nhambamba-1-2 e 3 que recorre a tubérculos, como é o caso da «mupama» (nome local de um tipo de tubérculo que se acredita seja próprio para debelar os efeitos da seca), para a sua alimentação.

Um deslocado contactado pela nossa Reportagem em Nhambamba-2 disse que dada a gravidade da seca aquele tubérculo já começou a escassear nas matas, situação que chega a originar, entre os deslocados, brigas cujo fim muitas vezes só

terminam com a mediação das estruturas locais.

Acredita-se que, devido à estiagem, cada hectare lavrado de milho pelos deslocados e repatriados não dê este ano um rendimento superior a 0,5 toneladas.

«Eu vivia em Dombe, onde produzia milho, mapira e criava cabritos, galinhas e patos. Fui obrigado a abandonar a minha casa, porque a Renamo ocupou o posto em Outubro do ano passado. Aqui, estamos a sofrer. Somos obrigados a esperar pelos produtos do DPCCN, para nos alimentarmos. A

seca veio piorar as coisas. O milho secou nas machambas que recebemos do Núcleo dos Refugiados» — disse Manuel Marceta, um deslocado de guerra.

Não nos foi revelada a quantidade de alimentos que aqueles deslocados e repatriados necessitam para enfrentar a fome, até aos próximos 13 meses, mas o administrador de Sussundenga disse que o distrito necessita de uma ajuda em alimentos estimada em 120 mil toneladas para socorrer quase toda a população residente estimada em 40 mil habitantes.

Gabriel Mirção afirmou que os armazéns do DPCCN naquele distrito estão vazios, apontando que a situação da fome naquela parcela da província de Manica poderá ter efeitos desastrosos dentro dos próximos meses.



O desespero ainda existe em Nhambamba-2. Esta mãe, deslocada, não tem o que dar de comer aos seus filhos. (Foto de Felisberto Laice)